

Dialogismo e incompreensão em *Triste fim de Policarpo Quaresma* / *Dialogism and misunderstanding in Triste fim de Policarpo Quaresma*

*Maria Celina Novaes Marinho**

RESUMO

Ao estudar a evolução do gênero romanesco, Mikhail Bakhtin examina as figuras do farsante e do simplório, não como algo estanque, mas como uma força que permite introduzir e dialogar uma pluralidade de discursos e linguagens sociais no romance. A partir dessa concepção, empreende-se uma análise da simplicidade e da incompreensão em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, buscando observar as vozes sociais que dialogam no de Lima Barreto.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo; Simplicidade e incompreensão; Romance; Lima Barreto

ABSTRACT

By studying the evolution of the novel, Mikhail Bakhtin examines the figures of the cheater and of the simpleton not as something tight, but as a force that allows the introduction and the dialogue of a plurality of discourses and social languages in the novel. Based on this concept, an analysis of simpleness and misunderstanding in Triste fim de Policarpo Quaresma is made, seeking to observe the social voices that dialogue in this novel by Lima Barreto.

KEY-WORDS: Dialogism; Simpleness and misunderstanding; Novel; Lima Barreto

*Professora do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio – CEUNSP, Itu, São Paulo, Brasil; celina.n.marinho@uol.com.br

Ao estudar a evolução do gênero romance através dos séculos, Mikhail Bakhtin a divide em duas grandes linhas estilísticas. Entre outros aspectos, o autor destaca a relação que cada linha estabelece com o plurilinguismo social, isto é, como cada uma introduz e reacentua as linguagens, vozes e gêneros que caracterizam a comunicação verbal na prática social. Os romances da primeira linha procuram organizar e ordenar estilisticamente o plurilinguismo, a partir de um ponto de vista “de cima para baixo”, adotando uma abordagem “enobrecida”; já os romances da segunda linha estilística tratam a linguagem literária “enobrecida” não como centro, mas como uma entre as várias linguagens constitutivas do plurilinguismo, que aparece representado a partir de um ponto de vista “de baixo para cima”.

Nos romances da segunda linha estilística, Bakhtin destaca ainda um outro aspecto que é a presença, de modo frequente, de dois tipos de personagem: o farsante (o trapaceiro) e o simplório (ou tolo). Bakhtin examina a função dessas personagens na engrenagem do discurso romanesco. Embora sejam figuras antagônicas, o simplório e o farsante, com suas ações erráticas, têm um papel semelhante na narrativa: a de desestabilizar a ordenação do real como sentido já dado.

O farsante adere superficialmente à crença nos valores sociais, usando-a de forma abusiva, em benefício próprio; o simplório adere à crença nos valores, mas revela uma profunda incompreensão do seu funcionamento social. Os dois tipos personificam uma crise na centralização e na unificação dos sentidos socialmente partilhados. Quando se apropria do papel social de outro, o farsante torna evidente que este papel é vazio de qualquer sentido imanente. Quando põe em dúvida o funcionamento social já estabelecido (sobre o qual ninguém mais se questiona), o simplório faz lembrar a arbitrariedade das convenções. Não se deve compreender a figura do farsante e a do simplório como algo estanque, mas como uma força que permite introduzir e dialogizar uma pluralidade de discursos e linguagens sociais no romance. Como observa Bakhtin:

A tolice, como a trapaça alegre e como todas as outras categorias romanescas, é uma categoria dialógica que provém do dialogismo específico do discurso romanesco. É por isso que, no romance, a simploriedade (a incompreensão) está sempre relacionada com a linguagem e com o discurso: na sua base encontra-se a incompreensão polêmica do discurso de outrem, da mentira patética de outrem, que embrulhou o mundo pretendendo interpretá-lo, a incompreensão polêmica das linguagens correntes, canonizadas e mentirosas, com seus nomes pomposos para as coisas e os fatos: a linguagem poética, sábio-pedante, religiosa, política, jurídica. (1988, p.194)

Não é por acaso, portanto, que os dois tipos de personagem são frequentes na obra de Lima Barreto, um autor que privilegiava a crítica social. Entre os farsantes presentes na literatura de Lima Barreto, podemos citar o homem que sabia japonês, o Dr. Bogóloff e Raimundo Flamel. Todos eles são de alguma forma impostores: o homem que ganha status social ensinando um idioma que ignora, um estrangeiro que assume o Ministério da Agricultura sem nada saber sobre o assunto e o sujeito que diz saber fabricar ouro a partir de ossos humanos. Entre os simplórios criados por Lima Barreto, podemos citar

o provinciano Isaías Caminha, a ingênua Clara dos Anjos, os policiais ineptos do conto Como o “homem” chegou e, em especial, o exemplo mais acabado deste tipo: o crédulo Policarpo Quaresma. É sobre ele que iremos nos deter neste texto.

A incompreensão aparece em *Triste fim de Policarpo Quaresma* de forma não isolada, mas como elemento estruturador da narrativa, isto é, todas as peripécias vivenciadas pelo protagonista são originadas pelo seu comportamento simplório. O livro divide-se em três partes e cada uma delas representa uma batalha diferente entre a leitura que Policarpo faz da realidade e a que o mundo social faz.

A primeira batalha se dá quando Quaresma, um funcionário público inexpressivo e pacato, é tomado por um nacionalismo exaltado e começa a agir de forma inusitada e, em alguns casos, temerária: só admite coisas nacionais (a comida, as flores do jardim, as músicas, etc.), adota a forma de saudação de uma tribo indígena, quer o tupi reconhecido como a língua nacional. Ridicularizado por tais atitudes, Quaresma vai parar em um manicômio.

Isolada, a personagem troca a cidade pelo campo, momento em que acontece a segunda batalha. Policarpo é tomado por uma nova mania: a agricultura. Alimentado ainda por uma visão idealizada do país natal? que reza que “nessa terra, em se plantando, tudo dá”?, emprega na lavoura tempo, energia e capital. Munido de livros e informações sobre plantio, ignora as dificuldades e os problemas comuns nesse tipo de empreendimento (pragas, custos de transporte, queda no preço da safra, etc.). Confrontado com a realidade, figurada pelas insignificantes, mas tenazes saúvas, Policarpo capitula.

Não é necessário muito tempo, porém, para Quaresma iniciar sua terceira batalha. Sua atenção desvia-se para outro acontecimento, digno de influir nos destinos da nação: a revolta da Armada contra o governo de Floriano Peixoto. A personagem engaja-se na luta a favor do governo e mais uma vez seu idealismo vai lhe trazer problemas: em carta a Floriano, reclama do tratamento dado aos prisioneiros. Imediatamente, passa de aliado a inimigo e tem como destino a prisão e a morte.

Além da incompreensão, outro denominador comum nesse caso é o discurso nacionalista. Para contextualizá-lo, lembremos que a história se passa no Rio de Janeiro, a capital federal, durante a última década do século XIX, época marcada pelo fim da escravidão e pelo advento da República, fatos que acarretaram muitas mudanças no modo de pensar e de viver da sociedade brasileira. Foi um momento de busca de respostas que ajudassem a compreender essa nova fase do país.

Uma dessas respostas apareceu na forma de um nacionalismo que desconhecia a realidade do país e a idealizava no mais alto grau. Uma boa representação desse ponto de vista, que é o de Quaresma, pode ser encontrada no livro *Porque me ufano de meu país*, escrito por Affonso Celso, em 1900:

Embora padeceis por causa da Pátria, cumpre que lhe voteis alto, firme, desinteressado afeto, o qual longe de esmorecer, aumente, quando desconhecido, injustamente aquilatoado, ou ingratamente retribuído e, jamais, em circunstância alguma, vacile, descreia ou se entibie. (1997, p.26)

As ideias propagadas por meio desse livro fomentaram o interdiscurso social da época e repercutem nos discursos até os dias de hoje. A maior parte dos argumentos citados na obra, defendendo a grandeza do país (“riquezas naturais”, “ausência de calamidades”, “fertilidade da terra”), aparece na fala de Quaresma de modo frequente e no mesmo tom rebarbativo.

Em contrapartida ao nacionalismo, o desejo de ser outro, estrangeiro, surgiu como uma outra resposta na busca de entender o momento de transição por que passa o país. Foi o cosmopolitismo, que se engajava na busca de um modelo externo, mais precisamente o europeu, como solução para as mazelas nacionais. Assim, nessa época, os valores europeus repercutiram fortemente na mentalidade e na vida social da capital brasileira, caracterizando um claro movimento de alienação. Um exemplo é a chamada “regeneração”: o processo de reforma da cidade do Rio de Janeiro segundo moldes europeus. Nicolau Sevcenko observa que as duas perspectivas? o nacionalismo e o cosmopolitismo? investiram em artifícios para não lidar com a realidade do país (1995, p.178).

A visão predominante é a do nacionalismo ufanista, sustentado por Quaresma em inúmeras falas; a valorização do que é estrangeiro aparece em segundo plano, como um contraponto enunciado por personagens secundárias ou pelo narrador. Vejamos como isso ocorre. No caso das personagens, há a cena em que Policarpo reage à observação de um outro funcionário que gostaria de ir à Europa: “Ingrato! Tens uma terra tão bela, tão rica e queres visitar a dos outros! Eu, se algum dia puder, hei de percorrer a minha de princípio ao fim!” (BARRETO, 1994, p.9). Em outra situação, em seu sítio, Policarpo rejeita a sugestão de que o solo necessite de adubos e de que haja terras mais férteis na Europa. É, como sempre, taxativo: “Senhor doutor, o Brasil é o país mais fértil do mundo, é o mais bem dotado e as suas terras não precisam de ‘empréstimos’ para dar sustento ao homem. Fique certo!” (1994, p.83). No caso do narrador, surgem comparações, por exemplo, entre Floriano Peixoto e diversos líderes de países europeus, entre os subúrbios do Rio de Janeiro e os da Europa.

Além das vozes das personagens e do narrador, um outro meio de representar o plurilinguismo e a pluralidade de pontos de vista no romance é o uso de gêneros intercalados. Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, há o uso de cantigas e estórias populares, usadas como forma de caracterizar o nacionalismo do protagonista. Mikhail Bakhtin observa que a intercalação de gêneros da vida corrente em uma narrativa não tem a função de literaturizá-los, mas de contrapor, de estabelecer diálogos entre o literário e o não-literário. É o caso do requerimento em que Quaresma pede a instituição do tupi como língua nacional:

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro de nosso país, os autores e escritores, com especialidade os gramáticos, não se

entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos de nosso idioma? usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro (1994, p.35).

O requerimento coloca mais uma vez a oposição de Quaresma ao que é estrangeiro, tratando o caso da língua como uma questão de subserviência ou de emancipação política. As ideias não se alteram, o que difere nesse caso é o tom impessoal e sóbrio (e não exaltado como em suas falas), que caracteriza o documento oficial: não é Policarpo que fala, é um cidadão. O fato de Quaresma usar como meio o requerimento, em vez de ajudar a dar validade ao seu pedido, acaba por expor mais a sua simplicidade, a sua incompreensão.

Policarpo legitima sua reivindicação com sua condição de cidadão. É possível ver na sua posição uma crença sem limites nos ideais de universalidade propagados pela instituição da República. De um momento para outro, todos são cidadãos e, como tais, iguais perante a lei. Quaresma adota esse princípio e não hesita em requerer ao Congresso a mudança do idioma ou, em outro caso, em relatar ao Presidente da República as atrocidades cometidas numa prisão. Nos dois casos, a reação é diametralmente oposta a que ele esperava.

Geralmente, em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o confronto de opiniões acontece na esfera da vida privada, uma exceção é o requerimento, que circula e gera repercussões, não só nesta esfera, mas também nas esferas jornalística e política. De todas as partes, Policarpo é objeto de chacota e de recriminações não só pelo que reivindica (algo considerado absurdo), mas também pelo papel que se atribui ao reivindicar. Na repartição em que trabalha, ocorrem manifestações como estas: “‘Já se viu!’, dizia o secretário. ‘Esse tolo dirigir-se ao Congresso e propor alguma coisa! Pretensioso!’ O diretor, ao passar pela secretaria, olhava-o de soslaio e sentia que o regulamento não cogitasse do caso para lhe infligir uma censura” (1994, p.37-38). O que parece incomodar é a presunção de igualdade que Policarpo assume em seu discurso.

Policarpo parece não perceber a divisão da sociedade em classes sociais e nem a existência de interesses contraditórios entre os diferentes grupos. Essa é uma das bases de sua incompreensão, que se manifesta em várias situações. O exemplo mais gritante da não distinção que Policarpo faz dos lugares sociais é justamente quando ele envia o telegrama para o Presidente da República durante uma crise política: “Marechal Floriano, Rio. Peço energia. Sigo já. – Quaresma” (1994, p.93). Nesse excerto, um subsecretário de uma repartição qualquer trata o mais alto mandatário da nação como um igual. Ou ainda, mais precisamente, a personagem chega ao extremo de inverter as posições, tratando o Presidente como alguém que depende de seu apoio e de seus conselhos.

Quaresma não consegue se imaginar como pertencente a um grupo? qualquer que seja ele. Não sente medo ao tratar um superior como um igual, nem sente vergonha por seus atos considerados excêntricos, como ocorre com seus pares, vizinhos e funcionários da repartição. Ele vê a sociedade como um todo uniforme. O nacionalismo serve de alimento para esse modo de ver o mundo, pois é um discurso que se desenvolve pela ideia de totalidade, isto é, visando ao apagamento das diferenças.

Um outro aspecto da incompreensão de Policarpo está no fato de que, de um modo

geral, ele pouco conhece da realidade concreta, vive perdido em abstrações. A personagem lê muitos livros, colhe informações nos mais diversos textos, mas parece incapaz de captar o que acontece a sua volta. Seu nacionalismo não tem por base qualquer participação em um movimento, seu único fomento é a vasta biblioteca que tem por tema o Brasil, na visão de exploradores, historiadores, autores da literatura nacional, entre outros.

De certa forma, pode-se dizer que ele tenta apreender a realidade por intermédio dos livros. Sofre de bovarismo, um mal de pensamento, derivado do comportamento da personagem de Flaubert, que consiste em “ter conhecido a imagem da realidade antes da realidade, a imagem das sensações e a dos sentimentos antes das sensações e dos sentimentos” (2004, p.327). Essa característica de pensar antes de vivenciar, de idealizar antes de conhecer, tem como mediação os livros e é tão forte em Quaresma que muitos atribuem a eles a causa de sua instabilidade: “Ele não era formado, para que meter-se em livros?” (1994, p.34).

Um outro simplório, Dom Quixote, também se encaixa perfeitamente nesse perfil. Assim como Policarpo, ele vive sob a influência da cultura letrada, mas de forma totalmente alienada. A grande diferença é que Policarpo não se deixa levar apenas pela ficção. Ao estudar o Brasil, ele pensa acessar um conhecimento científico, mas acaba emaranhado nos vieses ideológicos de suas leituras.

Analisando o diálogo das vozes sociais no romance, Mikhail Bakhtin observa que o tratamento dado ao simplório pode variar: o narrador pode se solidarizar com ele ou pode ridicularizá-lo, em maior ou menor grau. No caso da obra investigada, o comportamento do narrador é dúbio, ora parece estar contra a personagem, ora parece estar com ela. Em seu meio social, com raras exceções, o idealismo de Policarpo é visto como uma tolice. Julgam-no um sujeito obtuso, incapaz perceber o mundo exterior. O narrador partilha desse ponto de vista e também o ridiculariza. Ao mesmo tempo em que expõe, por exemplo, as ideias de Quaresma sobre a grandeza do país, ele as trata com ironia: “Ele amava sobremodo os rios; as montanhas lhe eram indiferentes. Pequenas talvez...” (1994, p.9). Ou neste outro trecho:

O outro objetou-lhe que por aqui só havia febres e mosquitos; o major contestou-lhe com estatísticas e até provou-lhe exuberantemente que o Amazonas tinha um dos melhores climas da terra. Era um clima caluniado pelos viciosos que de lá vinham doentes (1994, p.9-10).

Em outros momentos, no entanto, o narrador defende abertamente o caráter de seu herói: “Quem soubesse o que uma folha de papel representava de esforço, de trabalho, de sonho generoso e desinteressado, havia de sentir uma penosa tristeza, ouvindo aquele rir inofensivo diante dela” (1994, p.35). O narrador abandona o ponto de vista daqueles que convivem com Policarpo e julgam os seus gestos absurdos e tenta mostrar as motivações da personagem.

Além disso, note-se que Policarpo não é a única personagem ironizada pelo narrador. O mundo sólido das pessoas “normais”, que olham Policarpo como um louco, também tem algo de estranho, de irreal. O universo suburbano, que faz chacota de Quaresma, é ridicularizado sem piedade. A grandiosidade que esse universo se atribui não passa

despercebida ao narrador, que faz tudo para hiperbolizá-la à altura. Como no capítulo Desastrosas consequências de um requerimento, que narra a festa de noivado de Ismênia: “Os acontecimentos a que aludiam os graves personagens reunidos em torno da mesa de solo, na tarde memorável da festa comemorativa do pedido de casamento de Ismênia, se tinham desenrolado com rapidez fulminante” (1994, p.34). Ou neste outro trecho: “Dessa maneira, Ricardo Coração dos Outros gozava da estima geral da alta sociedade suburbana. É uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios” (1994, p.10).

Assim, se, por um lado, o narrador não se deixa levar pelas ilusões de Policarpo e desmistifica e ironiza o seu discurso; por outro lado, parece ver no seu idealismo insano algo mais positivo do que o senso de realidade dos que zombam dele.

A contradição, que parece existir, logo se desfaz na medida em que se considera o contexto. A respeito das figuras do trapaceiro, do bufão e do bobo, Bakhtin observa que a existência destas personagens não é literal. Tudo o que dizem, fazem e aparentam, não tem sentido direto e imediato, mas, sim, figurado e, às vezes, invertido. Desse modo, em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o esforço de Policarpo para participar de forma ativa da sociedade só o leva mais ao isolamento, assim como os atos que lhe dão dignidade e coerência moral acabam sendo os mesmos que o levam à desgraça. Do mesmo modo, a crítica que se faz à alienação de Policarpo não coloca na berlinda apenas um indivíduo, mas refere-se a toda a sociedade brasileira que, naquela época, perdia-se em teorias e abstrações para não olhar para o Brasil real.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec / UNESP, 1988, p.71-210.
- _____. Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica. In: _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec / UNESP, 1988, p.211-362.
- BARRETO, A. H. de L. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Scipione, 1994.
- _____. *Toda Crônica*. Vol I. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- CELSONO, A. *Porque me ufano de meu país*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1997.
- SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Recebido em 09/05/2010
Aprovado em 14/09/2010